

Beatriz de Paula Morgado Monteiro

Mestranda em Literatura Italiana no Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas (PPGLEN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), bolsista CAPES e sócia da Associação Brasileira de Professores de Italiano (ABPI).

Sonia Cristina Reis

Doutora em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da UFRJ.

Priscila Nogueira da Rocha

Doutora em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora colaboradora e pesquisadora da UFRJ.

GUIDO GOZZANO E O OLHAR CREPUSCULAR: UMA INTRODUÇÃO À POESIA GOZZANIANA

RESUMO

O presente artigo visa apresentar o poeta italiano Guido Gozzano (1883-1916), situando o leitor em relação ao período histórico, cultural e literário em que viveu e produziu, com o objetivo de facilitar a compreensão das mensagens contidas em sua poesia, a qual oferece um novo olhar sobre o complexo século XX. Para tanto, o trabalho inicia-se com uma introdução ao Novecentos e ao movimento literário conhecido como *Crepuscolarismo*, explicitando as características fundamentais e como o estilo refletiu as transformações da época, até chegar a Gozzano. Nascido em Turim, o poeta foi um admirador e ávido leitor de figuras influentes da literatura italiana, como Dante Alighieri (1265-1321) e Gabriele D'Annunzio (1863-1938). Nos primeiros decênios, passou a rejeitar o estetismo dannunziano, sendo anunciado como o representante da estética crepuscular após a publicação dos livros *La via del rifugio* (1907) e *I Colloqui* (1911), que evidenciam sua habilidade em mesclar a ironia e melancolia por meio da linguagem coloquial e da métrica tradicional, abordando temas como a inadequação e a doença, os quais se originaram a partir da segunda metade do século XIX com os efeitos da pós-Unificação. Após esse recorte fundamental, e considerando a necessidade de trazer à luz Guido Gozzano para ressaltar a importância de sua obra para os estudos de literatura italiana no Brasil, realizar-se-á a análise da ilustre poesia *Alle soglie* (1911) com reflexões obtidas a partir de revisões sobre a temática da tradução, atividade que auxiliou na resolução da primeira tarefa, favorecendo o desenvolvimento de pesquisas na área.

Palavras-chave: Guido Gozzano. Alle soglie. Poesia.

GUIDO GOZZANO AND THE CREPUSCULAR GAZE: AN INTRODUCTION TO GOZZANIAN POETRY

ABSTRACT

This article aims to introduce the Italian poet Guido Gozzano (1883-1916), contextualizing the reader regarding the historical, cultural, and literary period that he lived and wrote in, to facilitate the apprehension of the messages contained in his poetry, which offers a new perspective on the complex 20th century. In light of this objective, the work begins with an introduction to the *Novecento* and the literary movement labeled as *Crepuscularism*, illustrating its fundamental characteristics and how it reflected the diversity of the time, before moving on to Gozzano. Born in Turin, the poet was an admirer and avid reader of influential figures in Italian literature, such as Dante Alighieri (1265-1321) and Gabriele D'Annunzio (1863-1938). In the first decades, he eventually started to distance himself from the refined dannunziano aesthetic, becoming the representative of crepuscular aesthetics after the publication of the books *La via del rifugio* (1907) and *I Colloqui* (1911), which highlight his ability to blend irony and melancholy through colloquial language and traditional meter, addressing themes such as inadequacy and illness, which originated in the second half of the 19th century with the effects of post-unification. After presenting this fundamental overview, and considering the importance of bringing Guido Gozzano to light to emphasize the importance of his work for Italian literature studies in Brazil, an analysis of the illustrious poem *Alle soglie* (1911) will be carried out with reflections obtained from reviews on the theme of translation, an activity that helped in the resolution of the first task, favoring the development of research in the area.

Keywords: Guido Gozzano. Alle soglie. Poetry.

Este artigo passou por avaliação por pares cega e *software* anti-plágio.



LICENÇA ATRIBUIÇÃO NÃO
COMERCIAL 4.0 INTERNACIONAL
CREATIVE COMMONS – CC BY-NC

DOI: doi.org/10.63418/sagta125

INTRODUÇÃO

Classificado como um período de transformações na literatura italiana, o Novecentos produziu uma série de movimentos, estéticas e correntes com estilos, formas e temas diversos. No meio de várias que surgiram, despontou no pálido horizonte do primeiro decênio do século XX a estética chamada *Crepuscolarismo* em oposição aos ideais cultivados ao longo da tradição, sobretudo pelo Decadentismo.

Com base nesses fatos, os poetas crepusculares proporcionaram uma visão contrária sobre a idealização do homem e do poeta, humanizando-os e exteriorizando os sentimentos que ecoavam à época, como o desencanto. Inserido nessa estética, destaca-se Guido Gozzano (1883-1916), autor de fábulas, prosas e poesias reunidas nos volumes *La via del rifugio* (1907) e *I Colloqui* (1911), o último livro a ser publicado em vida e também o mais renomado.

Assim, julgando importante introduzir esse prisma ainda incipiente nos estudos literários da italianística no Brasil, esse trabalho foi organizado com o intuito de esclarecer o contexto que favoreceu o desenvolvimento do Crepuscolarismo, quem foi Gozzano e o que sua poesia pode revelar aos leitores que consideram a possibilidade de estudá-lo hoje.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O movimento crepuscular nasce da interpretação da poesia em relação à situação histórica da época, tendo sido alcunhado pela primeira vez por Giuseppe Antonio Borgese (1882-1952), que pensa na estética como um retrato do declínio da literatura. Para compreender esse momento, a leitura dos críticos Mario Santoro (1983), Giulio Ferroni (2007) e Alberto Asor Rosa (2009) foi basilar no exame da conjunção de fatores que consolidaram o espírito particularmente esmorecido.

Para introduzir Guido Gozzano (1883-1916) e abordar o plano histórico-social que fomentou sua escrita, as investigações mais recentes elaboradas pelas pesquisadoras Niva Lorenzini (1992), Laura Feltrin (2018) e Daniela Crăciun (2021) reúnem informações cruciais, além de percepções e novos olhares para a temática.

Na parte dedicada à tradução, foi realizada uma revisão da literatura do famoso ensaio *A tarefa-renúncia do tradutor*, de Walter Benjamin (1923), traduzido por Susana Kampff Lages (2002), o qual engloba uma série de reflexões sobre a questão da tradução.

O compilado de procedimentos técnicos organizado por Heloísa Gonçalves Barbosa (2020) auxilia na identificação do método mais adequado em cada etapa do processo de tradução. Esse plano teórico encadeia contribuições de diversos autores, entre eles Francis Aubert (1987), que aborda a tradução palavra por palavra, ou literal, vertente utilizada neste trabalho. Ademais, o pesquisador Paulo Henriques Britto (2012) descreve o processo de tradução da poesia, providenciando exemplos e observações que dialogam com pontos importantes, como forma, rima e sentido.

OS ECOS DA TRANSFORMAÇÃO NO NOVECENTO: O CREPÚSCULO DO SÉCULO NA ITÁLIA

Conhecido pela profusão de movimentos literários e sensibilidades poéticas distintas, o século XX testemunhou uma profunda necessidade de renovação da tradição literária que manifestou-se nos jovens da geração, os quais buscavam construir uma identidade capaz de romper com a cultura oitocentista através de novas formas de expressão mais alinhadas à cultura europeia. Nesse sentido, os ideais consagrados por poetas célebres como Giovanni Pascoli (1855-1912) e Gabriele D'Annunzio (1863-1938), cujas obras influenciaram e moldaram inúmeras estéticas, não escaparam à tendência de mudança que se verificou no limiar do período, mas continuaram sendo prestigiados.

A respeito da ruptura que deu origem às principais tendências da época, pode ser mencionado o declínio de normas e costumes herdados do Positivismo, sobretudo quanto à concepção da natureza do indivíduo fundada na observação prática do mundo. Paralelo a esse movimento filosófico, influente nas esferas científicas, políticas e culturais, a Itália encontrava-se imersa nos efeitos do pós-Unificação (1861), atenta na construção da própria identidade nacional e nos ideais de progresso, apesar dos danos e da cisão da nova nação.

A partir da ilusória visão de progresso oriunda do processo de unificação, derivou-se no indivíduo uma sensação de descrença e inadequação. Por conseguinte, em oposição ao pensamento nacionalista que glorificava o mito do homem viril e ativo na ascensão da sociedade, disposto a atos de sacrifício e atitudes heroicas pelo bem da nação, ergueu-se uma figura antagônica: o homem burguês, moderno e individualista, julgado fraco e decadente.

Essa divergência decorre do fato de que “a crise era muito mais radical e profunda... O homem se sente privado de qualquer apoio, de qualquer garantia, certeza, diante de uma realidade que se mostrava extremamente fluida, complexa, indescritível e evasiva.”¹ (Santoro, 1983, p. 166). Nessa lógica, os poetas recorreram a valores que resgataram a naturalidade, a pluralidade e a fragilidade da existência humana, distanciando-se do ideal de soldado que exortou o processo que culminaria no fascismo.

Devido a essa dissonância e à visão de esgotamento da tradição, novas experimentações despontaram no horizonte literário, rompendo com os esquemas tradicionais da arte e da literatura, do jeito que fizeram os *Vociani* e os poetas do Futurismo, que se afastaram da visão grandiosa da literatura. Em consonância com essa compreensão renovada da literatura, posiciona-se o *Crepuscolarismo*, estética preponderantemente atrelada a Guido Gozzano.

O CREPUSCOLARISMO E A POESIA DE GUIDO GOZZANO

Neste tópico, procura-se explicar de modo sucinto o *Crepuscolarismo*. Embora não tenha sido considerado um estilo poético significativo à época, o movimento surgiu de uma inadequação que contestava a cultura do passado, indicando uma perspectiva diferente da Itália após o Ressurgimento.

Segundo o crítico Alberto Asor Rosa (2009), a poesia crepuscular pode ser considerada uma experiência transitória que procurou reunir poetas distintos sob um mesmo estereótipo, não constituindo um movimento com um programa definido. Para criar esse rótulo, os críticos basearam-se tanto no vazio existencial quanto na maneira desencantada com que eles enxergavam a vida e a relação com os mitos dannunzianos, além da fragmentação do indivíduo moderno, mirando de forma nostálgica e melancólica um passado que não viveram.

Por conta desse olhar moderno, Giuseppe Antonio Borgese (1882-1952) concebeu o nome *Crepuscolarismo* ao escrever um artigo para o jornal *La Stampa*, em 1910, aludindo ao período de transição entre o dia e noite com o objetivo de caracterizar esse estilo particular com um tom soturno e ilustrá-lo com a imagem pela

¹ No original: “la crisi era molto più radicali e profonda [...] L'uomo si sente privato di ogni sostegno, di ogni garanzia, di ogni certezza, di fronte ad una realtà che si rivelava estremamente fluida, complessa, inafferrabile e sfuggente.”

ideia de declínio após uma era gloriosa da literatura, no qual a vida era vista como uma obra de arte a ser imitada.

Inserida nessa fase, a poesia crepuscular não apenas nega a tradição, mas também reflete sobre a condição de mal-estar que atravessava o indivíduo nesse ínterim, denunciando os problemas do cotidiano e a idealização do poeta *vate*². Rejeitando a artificialidade vinculada ao culto à beleza, essa função começou a ser tratada como um fardo, carregado de culpa e vergonha, expresso por Sergio Corazzini (1886-1907) em *Desolazione del povero poeta sentimentale* (1906): “Por que você me chama: poeta? Eu não sou poeta”³.

No entanto, ao examinar a questão identitária mais profundamente, torna-se possível observar que o problema da língua também cumpre um papel relevante nesse debate, porquanto “são os crepusculares a iniciar essa prática de crise da linguagem em relação à realidade, dado que o confronto eu-mundo não pode ser mais representado de maneira naturalista.”⁴ (Crăciun, 2021, p. 72). Em outras palavras, nem a realidade nem o indivíduo podiam ser descritos mediante o uso de uma língua enobrecida, ornada por palavras cristalizadas preconizadas pela tradição, tampouco pela objetividade do Naturalismo.

Neste artigo, a poesia do turinense, caracterizada por imagens simbólicas e temáticas simples ligadas ao cotidiano e à inadequação do homem, constitui o objeto de análise. Considerando a moderada visibilidade em vida, Gozzano é reputado um dos principais expoentes do *Crepuscolarismo* (Asor Rosa: 2009; Feltrin: 2018) pelo seu estilo e pela abordagem direta e irônica das reflexões sobre a crise do indivíduo que confere originalidade às suas obras e ao estilo.

Suas produções poéticas são frequentemente resumidas a *La via del rifugio* (1907) e *I Colloqui* (1911), sendo a última a mais estudada e tônica deste escrito. De acordo com o poeta:

A coletânea reunirá o menos pior das minhas líricas editadas e inéditas e será como uma síntese da minha primeira juventude, um reflexo pálido do meu drama interior. As poesias — embora independentes —

² O conceito de *vate* era uma forma de descrever e elevar os poetas ao nível profético, como um guia espiritual que inspira seus leitores através da poesia.

³ No original: “Perché tu mi dici: poeta? Io non sono un poeta.” (v. 1-2)

⁴ No original: “Sono i crepuscolari ad avviare questa pratica della messa in crisi del linguaggio in relazione alla realtà dato che il rapporto io-mondo non può essere ormai rappresentato in un modo naturalistico.”

serão unidas por um sutil fio cíclico e divididas em três partes [...] As poesias que estou juntando não são obras minhas, mas da minha vida, da minha adolescência e da minha juventude.⁵ (Gozzano, 1910 *apud* Lorenzini, 1992).

Em virtude desse critério, Gozzano cria uma voz narrativa intimista que aproxima o leitor, organizando os ciclos em colóquios, conforme revela o título. Consequentemente, as poesias podem ser interpretadas como manifestações do próprio autor em determinados momentos, à luz de sua explicação sobre a concepção da coletânea.

Ao que tudo indica, as três fases da obra intercalam recordações passadas, mesclando-as com cenários imaginários que integram o eu lírico em meio às banalidades do mundo burguês, marcado por situações e objetos domésticos antiquados. Outrossim, a coletânea oferece um panorama das inquietações do poeta, tais como a inadequação, o mal-estar do século e a doença, temas recorrentes na literatura do Novecentos.

A análise da poesia *gozzaniana* representa um ponto crucial desta pesquisa, mas a tradução demonstra-se igualmente relevante, uma vez que possibilita a compreensão de futuros leitores. Levando em conta o número reduzido de versões em língua portuguesa e o interesse em promover estudos sobre Guido Gozzano, comentar-se-ão brevemente algumas características verificadas na tradução da poesia *Alle soglie*. No próximo tópico, tecem-se comentários alinhados à revisão da literatura sobre a tradução, abordando também os desafios enfrentados na execução dessa tarefa, tanto para leitores familiarizados com a língua quanto para aqueles que não a dominam.

O PROCESSO DE TRADUÇÃO DA POESIA GOZZANIANA

Pensar a tradução implica refletir sobre a relação entre as línguas, evidenciando as semelhanças que as aproximam e as diferenças que as tornam tão singulares. Esse processo se mostra enriquecedor para todos que se interessam pelas fronteiras culturais e linguísticas, possibilitando assimilar novos saberes por meio de diferentes formas de expressão e estilos, seja na posição de leitor ou de tradutor.

⁵ No original: “La raccolta adunerà il men peggio delle mie liriche edite e inedite e sarà come una sintesi della mia prima giovinezza, un riflesso pallido del mio dramma interiore. Le poesie — benché indipendenti — saranno unite da un sottile filo ciclico e divise in tre parti [. . .] Le poesie che sto adunando non sono opera mia, ma della mia vita, della mia adolescenza e della mia giovinezza.”

No contexto italiano, o poeta Guido Gozzano não é tão analisado e conhecido pelos estudiosos no Brasil quanto outros autores, como Gabriele D'Annunzio. Por isso, torna-se indispensável difundir seu repertório poético, a fim de revelar uma perspectiva menos gloriosa e mais intimista da Itália no século XX.

Segundo Heloísa Gonçalves Barbosa (2020), as traduções são instrumentos que viabilizam a leitura de obras estrangeiras e, sobretudo, o acesso a culturas distantes da realidade de seus leitores, especialmente quando o interesse nelas se torna inquestionável. Nesse sentido, a missão do tradutor consiste em aproximá-los desse objetivo, recorrendo a estratégias e realizando alterações necessárias, porém discretas, de modo a preservar a originalidade.

Apesar da objetividade em seu conceito, a transposição da poesia difere da prosa em aspectos que são fundamentais para a primeira, como forma, rima, significados e distribuição de versos. Cabe, portanto, “ao tradutor determinar, para cada poema, quais são os elementos mais relevantes, que, portanto, devem ser necessariamente recriados na tradução, e quais são menos importantes e podem ser sacrificados” (Britto, 2012, p. 120). Para tanto, é crucial levar em consideração as escolhas e intenções dispostas conscientemente pelo poeta na concepção da obra, mantendo-se fiel a ela, não obstante as dificuldades verificadas ao longo do procedimento, nesse caso, a contextualização do Novecentos e os traços irônicos.

Desse modo, é essencial contextualizar a mensagem implícita na poesia antes dos pormenores, sendo esse o motivo pelo qual será apresentado um recorte sucinto da poesia para introduzir o tema ao leitor e despertar uma reflexão crítica sobre o período de transições na Itália. A cena desenvolve-se inteiramente em um hospital, enquanto o eu lírico é submetido a um exame de rotina para monitorar a doença que o acomete, observando o cenário e descrevendo, em tom irônico, tudo ao seu redor, desde as recomendações médicas e objetos que utilizam até o desconforto para saber o inevitável: ele vai morrer.

Assim, a aceitação da morte é o tema central dessa poesia, que retrata um dos temas correntes do século XX. Além disso, o título escolhido por Gozzano também representa o sentimento de estar “à margem” de um século à beira da finitude, sem traços de glória, mas com serenidade em meio ao caos e um sorriso amarelo.

Embora a tradução implique perdas inevitáveis, o objetivo é reproduzir, sempre que possível, os aspectos mais relevantes para se aproximar do original. Em geral, o

significado do poema é privilegiado na escala de prioridades. Apesar de ser realmente fundamental, é impossível desconsiderar os elementos formais, atentando-se à intencionalidade do poeta na escolha de certas palavras e à ordem em que elas aparecem na construção sintática, mesmo quando as escolhas de Gozzano parecem simples em relação aos temas e ao vocabulário. Felizmente, há semelhança entre as línguas italiana e portuguesa nas estruturas lexicais e sintáticas, o que facilita o processo de tradução, principalmente por pertencerem à mesma família linguística.

Nessa direção, Walter Benjamin (2008) explica que a tradução manifesta o parentesco histórico que existe entre as línguas, sendo assim correto dizer que elas não são estranhas umas às outras e passíveis de serem traduzidas uma a uma, sem necessariamente pressupor semelhança. Na concepção do filósofo, isso ocorre porque no interior de cada uma delas existe algo próximo a ideia “pura linguagem”, ou seja, a essência comum entre elas, uma afinidade meta-histórica “tomada como um todo, uma só e a mesma coisa é designada; algo que, no entanto, não pode ser alcançado por nenhuma delas, isoladamente, mas somente na totalidade de suas intenções reciprocamente complementares” (p. 72).

Essa noção contribui perfeitamente para a problemática da tradução, desmistificando a fidelidade. Para Benjamin, esse conceito é contraditório, porque raramente o sentido pleno do original é reproduzido, e frequentemente não se atinge o desejado, isto é, o indescritível, que é obtido no contato entre as línguas.

Por essa razão, “a tradução que pretendesse comunicar algo não poderia comunicar nada que não fosse comunicação” (p. 66), visto que essa medida não considera a pura língua, que resulta da harmonia nos modos de designar aquilo que permanece oculto. Como cacos de um vaso, o tradutor deve captar o modo de designar do original pela sua própria língua, logo fazendo com que se reconheça os fragmentos dessa conexão supra-histórica, tal qual os cacos que pertencem ao vaso, sendo transparente, pois, a literalidade não poderia reproduzir o sentido já que “a relação do conteúdo com a língua é completamente diversa no original e na tradução.” (p. 73)

O raciocínio benjaminiano sobre o parentesco histórico permite também compreender o movimento cíclico das palavras, atestando novamente a impossibilidade da tradução perfeita, já que elas se modificam ou caem em completo desuso ao longo dos anos. É o que sucedeu, por exemplo, com as formas “sovente”, “ché” e “m’accora”, que não têm uma correspondência direta com o português, tendo

sido utilizadas em séculos passados por poetas como Dante Alighieri (1265-1321), diferentemente de “mondo”, “Morte” e “sereno”, que, apesar de tão antigas, perduram.

Aplicando essas informações à ironia presente na poesia, parte-se da frase que se repete: “Sorriria até, se depois não precisasse pagar eles...”⁶, mas também da descrição dos médicos, “os velhos sabidos”⁷. Em relação à frase, adotou-se a estratégia da tradução palavra por palavra, ou seja, a direta. Segundo Francis Aubert (1987, p. 15), citado por Barbosa (2020, p. 71), esse procedimento de tradução ocorre quando “determinado segmento textual (palavra, frase, oração) é expresso na LT, mantendo-se as mesmas categorias numa mesma ordem sintática, utilizando vocábulos cujo semanticismo seja (aproximativamente) idêntico dos vocábulos correspondentes no TLO [...]”, verificados ao longo de toda a poesia e para além dela.

Assim, é viável conservar a estrutura da sentença, independentemente de ter sido escolhida a forma “pagar eles” em oposição a “pagá-los”, tendo como principal objetivo manter o tom coloquial promovido por Gozzano na concepção da obra e, ao mesmo tempo, assimilar o original buscando a língua portuguesa. Diante disso, a alteração realizada não modificou o sentido, pois a ironia continua presente, assim como a ordem sintática que não causa estranhamento no leitor e conserva os ecos originários. De acordo com Britto (2012, p. 145), a ideia de omitir um elemento importante do original é pior que alterá-lo.

Se por um lado existe pequena alteração na oração, por outro lado, se preserva a construção com o adjetivo “sabido” para qualificar os médicos. Contudo, mesmo no português, essa palavra tem um duplo sentido, podendo ser uma escolha que enaltece ou ridiculariza a sabedoria deles, tratando-os como sabichões. Para permitir ao leitor sentir a intencionalidade do poeta que previamente teve contato com o estilo de Gozzano, considera-se natural a compreensão da ironia ao associar esse adjetivo à ilustre frase que salienta o sorriso amarelo do eu lírico, isto é, sem precisar torná-lo evidente, protegendo a originalidade da poesia *gozzaniana*.

Dito isso, a tradução de *Alle soglie* foi organizada a partir de mecanismos espontâneos que ocorrem devido a uma afinidade meta-histórica entre o italiano e o português, de modo que não se recorre ao estrangeirismo. Ainda assim, é importante

⁶ No original: “Sorriderai quasi, se dopo non bisognasse pagarli...”

⁷ No original: “i vecchi saputi”

ênfatisar que, mesmo existindo essa semelhança, frisa-se que a versão não substitui o original em quesito de “perfeição”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante da análise empreendida para realizar o presente estudo, foi possível chegar a algumas constatações valiosas a respeito de Guido Gozzano e, naturalmente, do século XX, a começar pela crise apontada por Mario Santoro (1983), concernente à sensação de inquietação e da súbita transformação do mundo, além do próprio conceito de identidade.

Primeiramente, é importante ressaltar o caráter elucidativo que a leitura dos poetas crepusculares proporciona aos leitores, ainda que sejam pouco debatidos no Brasil. Visto que a jovem geração de poetas estabeleceu uma perspectiva de renovação da literatura italiana, principalmente após o processo de Unificação, tal mudança pode ser justificada pela abordagem de temáticas incômodas, como a descrença, a doença e a inadequação, descritas por Alberto Asor Rosa (2009). Todavia, Gozzano sobressai-se, pois além do tom desiludido e melancólico típico dessa estética, recorria à ironia mediante uma linguagem simples, ocasionalmente inserindo vocabulário elevado, por exemplo, *sovente*.

Situadas no limiar do século, as questões do mal-estar são recorrentes na poética *gozzaniana*, oferecendo um contraponto ao que a tradição literária enaltecia, como a exaltação do herói, da pátria e do culto à beleza, mascarando a realidade frustrante da sociedade. Portanto, Gozzano dedicou-se a explorar uma crise que mostrava a fragilidade do homem, salientada desde o título. O poeta ironiza as vicissitudes e, paralelamente, alivia-se delas através de ironia e lamentações.

Nessa sequência de interpretação, desenvolvida a partir do nome atribuído à poesia, ressalta-se também a escolha do título do livro. A ideia de um livro concebido com base na premissa de aludir a colóquios, dispostos em versos, vide o nome *I Colloqui*, parece corroborar fortemente para o ponto de vista apresentado por Daniela Crăciun (2021), que afirma existir uma prática de crise da linguagem sendo manifestada, por meio da qual os poetas atrelados à estética buscavam distanciar-se da imagem de sublimação.

No primeiro e no segundo tópico foi feito um retrospecto, cujo ponto de partida é a ambientação do século XX, ilustrada a partir de um panorama breve e conciso dos

fatos históricos, destacando a estética crepuscular, as temáticas e Guido Gozzano. Pela escassez de estudos sobre a poesia *gozzaniana* no Brasil, a questão da tradução se reafirmou como um instrumento necessário para tornar a figura e a obra do poeta conhecidas.

Com isso em mente, o último tópico foi desenvolvido com base na revisão da literatura e na demonstração dos exemplos mais significativos. Inicialmente, comenta-se o potencial da tradução de unir as pessoas e fazer com que culturas e leituras sejam difundidas ao redor do mundo, pontuado por Heloísa Gonçalves Barbosa. Constatou-se que essa noção, ainda que pareça óbvia, na realidade conserva muito mais do que uma simples relação entre os códigos linguísticos de uma obra, mas sim a possibilidade de entender as particularidades de épocas que se encontram distantes no tempo ou espaço por meio das palavras

Para além disso, Barbosa elaborou um estudo no qual estão agrupados alguns procedimentos que podem ser aplicados nas traduções. Dentre os diversos métodos citados, a tradução direta foi a que mais se encaixou dentro da análise, devido à possibilidade de traduzir palavra por palavra com segurança, exceto quando é uma escolha não fazê-lo, como sucedeu em “pagar a eles”, sem prejudicar a essência da poesia.

A tradução da poesia se demonstra diferente da prosa pelos aspectos que as distinguem, como a forma e a rima. Dessa maneira, Paulo Henriques Britto (2012) salienta que o tradutor é responsável por determinar quais elementos do original são mais relevantes para a versão. Nesse sentido, ambos foram privilegiados, mas sobretudo o significado das palavras e a forma delas, considerando que muitos vocábulos são praticamente iguais e mudá-los seria contraproducente, dificultando o procedimento com o pressuposto de aperfeiçoar a poesia e, com isso, produzir uma leitura desrespeitosa ao original que não considera a intenção do poeta, o qual adota uma linguagem simples para se afastar da tradição literária.

Essa afirmação é fortalecida quanto mais as línguas demonstram afinidade entre si, como descrito por Walter Benjamin (2008) em seu ensaio sobre a tarefa do tradutor. Devido à ligação histórica que existe entre o italiano e o português, por pertencerem à mesma família linguística, a traduzibilidade é evidente e se comprova no caso da poesia de Gozzano. Mas a semelhança é mais profunda, sendo demonstrada nas palavras, bem como na estrutura sintática, exceto nos casos nos quais o poeta

resgata termos fora de uso que não possuem correspondência direta na língua do tradutor, como ocorreu com o verbo “m’accora”, cujos sinônimos “m’angoscia” e “m’affligge” são, de fato, análogos ao português “me angustia” e “me aflige”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O século XX é considerado uma época agitada que encontra na poesia de Guido Gozzano a manifestação da desilusão e inquietação do indivíduo. Sua poesia intimista é marcada pelo tom melancólico que, em contato com a ironia particularmente *gozzaniana*, produz um estilo diferente, oferecendo um horizonte distinto em comparação às obras literárias contemporâneas, tanto na linguagem quanto no tema.

À margem dos estudos literários italianos no Brasil, esse trabalho foi elaborado com o objetivo de apresentar o poeta. Para isso, foi imprescindível fazer um recorte do Novecentos para contextualizar esse período, mas também sua biografia.

Paralelo a isso, uma revisão da literatura sobre tradução foi feita para compor o presente artigo, considerando que a realização de tal tarefa garante que o autor e a obra sejam divulgados, uma vez que ele é considerado o representante da estética crepuscular pela crítica literária. Dessa forma, a tradução tem a capacidade de aproximar potenciais leitores e contribuir para futuros estudos sobre a poética *gozzaniana*. No decorrer do tópico destinado a esse assunto, demonstrou-se a importância de levar em consideração as similaridades entre o português e o italiano que facilitam o procedimento, de modo que não se recomenda lapidar a obra de Gozzano que, por natureza, rejeita o conceito de poesia áulica valorizado pela tradição.

Com base nesse debate, utilizou-se a poesia *Alle soglie*, incluída no livro *I Colloqui* (1911), para apresentar um exemplo do estilo do poeta. No entanto, mais do que explicar quem é Guido Gozzano, é essencial traduzi-lo para que sua obra de vida seja perpetuada, recebendo os méritos de uma obra que conta como parte crucial da história italiana sob o olhar comum de um homem, e não do *vate* ou soldado.

REFERÊNCIAS

ASOR ROSA, A. **Storia europea della letteratura italiana: La letteratura della Nazione**. Torino: Einaudi, 2009.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta**. 3. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2020.

BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CASTELLO BRANCO, Lucia (org.). **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008.

CRACIUN, Daniela. **Crepuscolari e canone modernista**. Analele Universității „Ovidius” Constanța. Seria Filologie, Constanța, v. XXXII, n. 1, p. 65-75, 2021.

FELTRIN, Laura. «**Non amo che le rose che non colsi**» **Analisi della poetica gozzaniana da La via del rifugio a I Colloqui**. Tese (Mestrado em Literatura Italiana) - Corso di Laurea in Filologia e letteratura italiana, Venezia: Università Ca' Foscari, p. 139, 2016/2017.

FERRONI, Giulio. **“Letteratura italiana contemporanea: 1900-1945”**. Milano: Mondadori, 2007.

GOZZANO, Guido. **Tutte le poesie**, a cura di Giacinto Spagnoletti. Roma: Newton Compton, 1993.

LORENZINI, Niva. «**I Colloqui**» di **Guido Gozzano**. In: Letteratura Italiana Einaudi. Le Opere. Vol. I, a cura di Alberto Asor Rosa. Turim: Einaudi, 1992.

SANTORO, Mario. **Letteratura italiana del Novecento**. Firenze: Le Monnier. 1983.